



Magda Ribeiro, doutora em história, estudou em escola rural na infância



Davi Magalhães Muniz foi aprovado em medicina na UFC e é filho de agricultor e de uma empregada doméstica



Ana Christina Balduino é estudante de enfermagem e vem de uma família de trabalhadores rurais

A ascensão dos filhos de porteiros

Jovens que vieram de famílias de pedreiros, de empregadas domésticas, de lavradores e de porteiros mudam o destino deles e de seus familiares depois do ingresso no ensino superior. Programas como Fies, Prouni, Sisu e políticas de cotas são fundamentais para garantir uma vaga nas universidades e faculdades brasileiras



Sandro Rocha, filho de porteiro e de uma faxineira, é professor de inglês em SP



Bruno Eulálio, ex-faxineiro e estudante de medicina

Fotos: Arquivo Pessoal

SUPERAÇÃO

E os filhos de porteiros, diaristas e lavradores escreveram novas histórias

Conheça a saga de jovens pobres que estão mudando a história de vida deles e de suas famílias por meio da educação

» ISABELA OLIVEIRA*

As estradas de terra da zona rural de São Raimundo Nonato, no Piauí, eram a única alternativa palpável que Ana Christina Baldoino tinha na vida. Era o futuro que via todo dia. Mas ela sabia que queria mais. Tinha intuição de que poderia escrever outra história. E o sonho de um mundo que levasse além daquelas estradas de terra se realizou.

Ela venceu todos os obstáculos. A jovem de 23 anos está no quinto semestre de enfermagem na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). A filha caçula tornou-se o orgulho da família humilde de apicultores, principalmente dos pais, Adailton Baldoino dos Santos, 50 anos, e Graciane Ribeiro de Sousa Santos, 44.

“Eles falam para outras pessoas que eu estou na faculdade”, emociona-se Ana Christina. “Eu sinto que eles sentem orgulho de mim por estar cursando em universidade pública, um grau de ensino que eles não tiveram oportunidade de alcançar.”

A jovem estudava numa escola pública a 1 km da fazenda de seus pais, que não chegaram a concluir o ensino fundamental. O meio de transporte eram camionetes, que passavam por várias fazendas para buscar outras crianças.

Christina ficou um ano sem estudar e, por influência de amigos próximos e do próprio companheiro, os olhos da jovem começaram a brilhar para um futuro acadêmico. Procurou cursinhos on-line, passou um ano estudando e conseguiu ser aprovada para letras, mas depois descobriu que queria mesmo era ser enfermeira e prestou o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) novamente.

Para Ana Christina, estudar enfermagem na Universidade Estadual do Piauí é a realização de um sonho que ela não tinha, a princípio, mas cultivou com o passar dos anos. Ela própria se sente orgulhosa da trajetória. Quando olha todo o contexto familiar e onde cresceu, ela se sente feliz não só de visar a uma carreira acadêmica, mas de ter influenciado outras pessoas da família a buscarem os mesmos sonhos.

“Nenhum dos meus primos visava a um curso superior. Meus primos abriram a visão deles depois que eu entrei. Até meu irmão fez um curso de análise e desenvolvimento de sistemas a distância”, conta.

*Estagiária sob a supervisão da editora Ana Sá

Fotos: Arquivo Pessoal



Christina ao lado do pai, Adailton Baldoino dos Santos, que é apicultor



A estudante de enfermagem ao lado da mãe Graciane Ribeiro de Sousa Santos, apicultora



Os pais da garota sentem orgulho de a filha caçula ter chegado ao ensino superior

Herdeiro de agricultor e empregada doméstica é aprovado em medicina no Ceará

Foi no interior do Ceará, numa cidadezinha de pouco mais de 13 mil habitantes, Iracema, a 250 km de Fortaleza, que Davi Magalhães, 17 anos, viveu toda a infância e cresceu com uma única motivação: oferecer uma qualidade de vida melhor para a família. Apesar de ter nascido em São Roque (SP), o estudante se mudou com a família para a cidade nordestina, fazendo o caminho inverso de milhares de conterrâneos de seus pais.

Eliane Magalhães, 36 anos, empregada doméstica, e Francisco Silva, 46, agricultor, sequer concluíram o ensino fundamental, mas nunca deixaram de motivar os filhos a realizarem os seus sonhos. Enquanto a mãe limpava e cuidava das casas dos outros, e o pai trabalhava na roça, eles viram o primeiro membro da família chegar ao ensino superior. O irmão mais velho de Davi, Francisco Sueldo, 20, cursa licenciatura em matemática na Universidade Federal do Semi-Árido (Ufersa).

Mas, dois anos depois, eles foram surpreendidos com o diagnóstico de Davi. O jovem conta que o maior desafio que enfrentou foi

descobrir que tem esclerose múltipla. “Na época, eu fiquei bem nervoso com a descoberta, porém, com muito esforço e dedicação, estou tentando superá-la”, resigna-se.

Aos 15 anos, Davi teve que entender o que era ser portador

de uma doença sem cura, que afeta o sistema nervoso. Para ultrapassar essa e outras barreiras, como ter estudado a vida toda em escola pública e as dificuldades financeiras, o filho do meio de dona Eliane e seu Fran-

cisco escolheu seguir o caminho da medicina.

Davi foi aprovado na Universidade Federal do Ceará (UFC) pelo SISU e agradece principalmente aos pais, por sempre terem acreditado nele, e à escola. “Meus pais

estão bastante felizes e orgulhosos. Eu também me sinto assim ao perceber que todo o esforço valeu a pena”, comemora.

Mesmo durante a pandemia, o suporte dos professores da Escola de Ensino Médio Deputado Joaquim de Figueiredo Correia foi fundamental para a aprovação do calouro. “Durante toda a minha história estudantil, estudei em escola pública e, mesmo diante de todas as dificuldades, sempre recebi total apoio das instituições, tanto do ensino básico quanto do ensino médio”, conta.

Mais uma vez, Davi terá que partir e estar aberto a novas oportunidades, assim como a família buscou em Iracema, pois estudará em Fortaleza. Contudo, promete voltar e cumprir aquilo que sempre desejou: promover uma vida mais digna aos pais e a todos aqueles que um dia o ajudaram.

“No meu futuro, espero estar formado após uma longa caminhada de muito esforço durante a faculdade para, assim, ajudar os meus pais e a população da minha cidade”, planeja.

Fotos: Arquivo Pessoal



Davi ao lado da família: os pais, Eliane Magalhães e Francisco Silva, e os irmãos Francisco Sueldo (ao fundo) e Francisco Rafael, 7 anos (abaixo)

“Eles falam que são meus fãs”

A ex-faxineira Benigna Carolina Silva, 60, sempre se preocupou com a educação dos três filhos. Mesmo não tendo condições de pagar escola particular, fazia questão de encontrar as melhores escolas públicas e garantir que Sandro, 30, Beatriz, 43, e Silvana, 37, tivessem as melhores oportunidades.

Quando tinha 6 anos, Sandro se mudou da capital para o interior em Mogi Mirim (SP) com a família. A mãe tinha um salão de beleza; e o pai, um boteco. Na periferia da cidade, Silvino Bispo da Rocha, 64, também era porteiro e respeitado no bairro. Todos conheciam o filho do “Rocha”, apelido dado ao pai de Sandro, e a família vivia no prédio do condomínio onde o pai trabalhava.

Dona Benigna levava os filhos para a escola, de ônibus. Ela sabia que aquele incentivo e apoio para o futuro faria a diferença. A mãe

também estimulou que as filhas e o filho mais novo desenvolvessem habilidades esportivas, mas Sandro não seguiu o caminho das irmãs. Ele se encontrou nas artes, como dança e teatro. Depois de um tempo, a paixão se estendeu ao estudo da língua portuguesa, quando um professor do ensino médio ofereceu um trabalho.

Sandro estudava a gramática todo domingo de manhã. E, aos poucos, também se encantou pelo inglês. Apesar de ser um estudante dedicado, a aprovação numa faculdade não veio de primeira. Ele conseguiu uma vaga na federal após um ano de estudo num cursinho, onde era bolsista. O esforço valeu a pena: Sandro foi aprovado em três universidades: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 2010.



Da esquerda para a direita: o pai, Silvino Bispo da Rocha, Silvana Rocha e Beatriz Rocha (irmãs) e a mãe, Benigna Carolina Silva

Da casa dos pais, ele se mudou para uma república. Durante a graduação, resolveu tentar uma bolsa de intercâmbio em Portugal, mas teve que atender a uma série de requisitos, inclusive mudar a graduação de bacharelado para licenciatura.

“Era uma oportunidade única, geralmente quem faz intercâmbio é um estudante com percurso privilegiado, mas me inscrevi e quando abri a licenciatura, eu não saí mais do mundo da educação”, comenta.

Sandro tinha como objetivo

principal trabalhar como tradutor, mas, após o intercâmbio e toda a sua trajetória, ele enxergou na educação uma forma de mudar o futuro de outros Sandros por aí. Para o professor da rede municipal de SP, demora a cair a ficha de que ele teve acesso a diversas oportunidades por não ter desistido.

“Sempre que eu olho meu percurso, falo: ‘Gente, olha só onde eu estou!’. Demora a cair a ficha. Quando cai a ficha que tô nesse espaço de melhor universidade, saindo de onde eu saí, aí cai a ficha”, empolga-se. Hoje,

ele é doutorando da USP.

O objetivo de Sandro todos os dias é honrar a origem dele: daquela criança de seis anos, que morava na periferia e tinha a ajuda dos pais para não desistir. Dona Benigna e seu Silvino, hoje, são divorciados e aposentados, e consideram o filho caçula o orgulho da família. “Eles falam que são meus fãs, me admiram muito, e eu tento traduzir o que eu faço na universidade para os meus pais, porque, às vezes, eles não entendem isso de percurso acadêmico”, mostra.

Sandro escolheu trilhar o caminho da pesquisa e dar aulas, mas confessa que a mãe até hoje espera que o filho volte para casa. “A minha mãe espera até hoje eu me formar para voltar a morar com ela”, diz. “Mas eu tenho que dividir meu emprego e pesquisa, e eu não sou só professor e pesquisador, também sou militante da educação pública.”

Como professor, Sandro quer honrar a origem para que as pessoas tenham oportunidades para chegar ao ensino superior e não seja uma questão de sorte.

Da roça para o doutorado na UnB

Fotos: Arquivo Pessoal



Imagine ter que acompanhar a posição da Lua para saber se já é quase dia e se preparar para ir à escola. Na década de 1990, em uma casinha da zona rural de São Francisco (MG), não havia relógio e muito menos meio de transporte para percorrer os 12 km (ida e volta) até a instituição de ensino mais próxima.

Todos os dias, Magda Ribeiro, com apenas 11 anos, fazia esse percurso para poder completar os anos finais do ensino fundamental. Levantava cedo, às vezes, chegava a ir de madrugada e era uma das primeiras a estar na escola da Vila do Morro.

Enquanto isso, os trabalhadores rurais Rosires Ribeiro, 60, e José Antônio de Almeida, 64, arrancavam da terra o sustento para conseguir criar as quatro filhas. No semblante dos pais, Magda reconhecia o sentimento de pena por, às vezes, irem para a escola com chinelo remendado por um grampo, vestir roupas usadas ou até morar de favor. Apesar disso, ela sabia que no futuro os pais veriam que a trajetória das filhas foi dura, mas teve um retorno.

Mesmo quando os colegas de classe cantavam alto para ela e a irmã quando chegavam à escola “o sapo não lava o pé, não lava porque não quer”, Magda não se deixou abater. A música infantil entrava e saía pelos ouvidos instantaneamente.

“Ouvir isso nunca me desanimou, meus pais sofriam muito na roça, e a gente sabia que a única maneira que a gente tinha pra crescer era a escola. Então, a gente estudava”, lembra a professora, hoje com 40 anos.

Durante o ensino médio, Magda chegou a morar na casa de pa-

Apesar da vida difícil, os pais da jovem sabiam que, no futuro, a filha Magda e as irmãs teriam o retorno desse esforço

“O que move nós todas, que somos professoras, é acreditar que a educação é capaz de transformar a vida de uma pessoa, que seja filha de lavrador, como eu sou, a vida de um porteiro ou de uma diarista”,

professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro

rentes. As roupas eram doadas, a casa era de favor, e a vida, mesmo que difícil, mostrava uma luz no fim do túnel. Ela escolheu fazer magistério para poder arrumar emprego logo após a formatura.

Tentou vestibular, pois o sonho era ser advogada. Mas, após várias desaprovações, se sentiu desmotivada.

Começou a trabalhar numa agência de turismo, fazia cursinho à noite, mas estava sempre cansada. Foi nas aulas de inglês que ela teve a primeira sensação de vitória e do esforço recompensados. É esperançosa em tentar outro vestibular, na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), apenas para testar os conhecimentos.

O curso de direito ficou de lado, e ela tentou uma vaga para história. Aprovada em 3º lugar, passou a trabalhar meio período para conseguir se dedicar à faculdade, mas, no fim do mês, a falta de dinheiro fazia diferença.

“A falta de dinheiro me prejudicava. Ou eu trabalhava, ou estudava. Eu estava num dilema muito grande e depois fiquei nove meses desempregada. Nesse período, a minha irmã me ajudou muito”, desabafa.

Então, surge a oportunidade de uma bolsa de iniciação científica para ajudar no arquivo da faculdade. De manhã, Magda estudava; à tarde, se dedicava ao projeto. Aquele lugar, posteriormente, passou a ser o estágio remunerado da estudante. Aos poucos, ela percebeu que queria fazer carreira acadêmica: ser professora e fazer pesquisa.

Enquanto Magda finalizou o mestrado e logo passou em um concurso para ser professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro — Câmpus Paracatu, as irmãs também se tornaram docentes, em áreas distintas: botânica, letras e direito.

“O que move nós todas, que somos professoras, é acreditar que a educação é capaz de transformar a vida de uma pessoa, que seja filha de lavrador, como eu sou, a vida de um porteiro ou de uma diarista”, encoraja. “A educação nos transformou.”

Para ela, o sonho da carreira acadêmica se concretizou ao fazer o doutorado em história, na Universidade de Brasília (UnB). Hoje, aquela menina que usava roupas emprestadas e acordava de madrugada para ir à escola teve a tese condecorada dois anos seguidos com menção honrosa na UnB.

A dissertação de doutorado se tornou um livro. A doutora em história teve a vida atravessada pelas desigualdades, mas foi abraçada pela educação. E esse é o legado que ela quer deixar para os filhos. Atualmente, Magda é casada, tem uma filha de 7 anos e está grávida do segundo filho.



Mãe de Magda atualmente é trabalhadora rural



José Antônio de Almeida é trabalhador rural e pai da doutora pela Universidade de Brasília

Largou a faxina para ser médico

Todos nós precisamos de uma inspiração. Uma pessoa em quem possamos nos espelhar para também realizar nossos sonhos. Para Bruno Eulálio, 22 anos, a pessoa a que se refere é a sua irmã Analu Adriana Sérgio Dias dos Santos, 30. “A minha irmã é a minha inspiração, ela é a primeira da família a fazer um curso superior. As pessoas precisam ter em quem se inspirar e ter algo tangível para se espelhar”, reflete o jovem.

A família morava na periferia de Contagem (MG) e tinha parentes em Camboriú (SC), no Sul do país. Analu foi a primeira a deixar a cidade mineira e tentar mudar de vida em outro lugar. Logo após terminar o ensino médio, Bruno decidiu seguir os passos da irmã. Ele trabalhava num lava-jato e não tinha grandes aspirações, mas sabia que se continuasse ali não teria como melhorar a vida.

“O estopim para eu vir pra Santa Catarina foi quando eu percebi que trabalhava no lava-jato e era muito pesado. Eu resolvi que tinha estudar”, conta o estudante. “Eu morava na favela e,

além de ser um lugar perigoso, entendi que, estando ali, talvez, eu não tivesse as oportunidades que eu tive em SC.”

A mãe do jovem faleceu quando ele tinha 11 anos, então foi criado pela madrasta e o pai, o multitarefas da casa, e que sempre cuidou dos três filhos. Adailton Eulálio Santos, 49, é vigilante há 10 anos, mas já exerceu diversas profissões: pedreiro, porteiro e carpinteiro. Mas, a mais importante, com certeza, era fazer de tudo para cuidar dos três filhos.

Bruno fez o Enem no 3º ano do ensino médio e

tirou uma média baixa, mas foi o suficiente para entrar no curso de matemática na UFSC como cotista. Estudou a vida toda em escola pública, pois eram mais próximas.

“Sabe-se lá se a vida vai me dar a oportunidade de fazer faculdade um dia”, pensou Bruno, na época. Ele se mudou para a casa da irmã e arrumou um emprego como faxineiro em um hospital para conseguir se manter em Santa Catarina. E foi lá que tudo mudou para o jovem.

No dia a dia do trabalho, o estudante conheceu a medicina e decidiu voltar a estudar, prestar o Enem e tentar uma vaga para trabalhar naquele ambiente, mas não na

parte da limpeza. No início, Bruno tentou conciliar trabalho, faculdade de matemática e os

estudos, mas não conseguiu devido ao cansaço. Saiu do emprego, desistiu da faculdade e se tornou jovem aprendiz no próprio hospital.

Na reta final da preparação para fazer o Enem, ele encontrou nos flashcards o caminho para conseguir revisar e fixar os conteúdos. Os cartões nada mais são do que lembrete com palavras-chave de conteúdos que ele adaptou para que fossem mais explicativos. Durante o dia, ele trabalhava; à noite, estudava e, nos intervalos, no transporte público, revisava alguns conteúdos com os cartões que produzia.

“Eu não tinha tempo hábil para revisar tudo. Daí, pensei que era impossível carregar vários cadernos. Construí os cartões com folhas de caderno, fazia e levava sempre comigo no bolso da calça, quando estava no ônibus, estudava”, explica.

Para um jovem da periferia que trabalhou em lava-jato, faxina e só teria condições de fazer faculdade caso fosse pública, ser um espelho para que outras pessoas como ele cheguem à universidade é uma missão que ele abraça com orgulho.



Arquivo Pessoal

Bruno Eulálio ao lado do irmão Matheus Eulálio Santos, 23 anos, do pai, Adailton Eulálio Santos, e a irmã Analu Adriana Sérgio Dias dos Santos

O papel das políticas educacionais

Essas histórias de superação desbancam o comentário infeliz do ministro da economia, Paulo Guedes. Ele disse recentemente que “o filho do porteiro tirou zero no vestibular, mas ainda assim conseguiu bolsa do Fies em uma instituição particular”. Mas muitos estudantes filhos de porteiros, diaristas, trabalhadores rurais e faxineiros conseguem ingressar no ensino superior, seguir uma carreira bem-sucedida e estão tendo a oportunidade de oferecer qualidade de vida às suas famílias.

Para Salomão Ximenes, programas como Sistema de Seleção Unificada (Sisu), Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa Universidade Para Todos (Prouni) que dão acesso ao ensino superior são uma forma de motivação aos estudantes ainda no ensino médio.

“Até o final da década passada, muito dificilmente os estudantes tinham perspectiva de concluir o ensino

no médio. Quando você tem perspectiva de continuar, a motivação é maior para concluir e não abandonar o ensino médio”, pontua. “Isso dá perspectivas de ascensão social para quem nunca teve acesso à educação de qualidade no país.”

A pró-reitora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Maísa Miralva da Silva, também concorda que, para pessoas que precisam trabalhar desde cedo e ajudar no sustento em casa, estudar ficou em segundo plano.

“O trabalho e a sobrevivência tomam o lugar da educação. Por isso, esses programas têm a importância de abrir um pouco as oportunidades para as pessoas que nunca tiveram condições de competir ou de sequer sonhar em entrar numa universidade, seja ela pública ou particular”, acrescenta a coordenadora do Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace).

Salomão Ximenes, professor de políticas educacionais, pondera que os programas que dão acesso ao ensino superior existem para promover ascensão social



Arquivo Pessoal

Desempenho dos cotistas

Além das políticas públicas voltadas ao ensino superior, a lei de cotas é considerada um importante instrumento criado pelo Governo Federal para contemplar as minorias: alunos oriundos de escolas públicas, de baixa renda, negros, pardos e indígenas (PPI) e pessoas com deficiência (PcD).

Para Daniel Cara, especialista em políticas públicas e dirigente da Campanha, o sistema tem sido eficiente para promover ações afirmativas e proporcionar oportunidade de ingresso a quem mais precisa. Entre os principais impactos da política de cotas, ele destaca a democratização do ensino superior e a mudança do perfil das universidades federais, tornando-as mais representativas do que é o Brasil.

“A grande qualidade dos programas do governo é colaborar no esforço de várias políticas pautadas na educação pública federal e na importantíssima política de cotas”, pondera o dirigente da Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

Arquivo Pessoal



Para o professor da Faculdade de Educação da USP Daniel Cara, o sistema de cotas tem funcionado

O professor também reforça que algumas pesquisas indicam o sucesso da lei de cotas. Como consequência do desempenho dos estudantes, o mercado de trabalho estará aquecido. “Vários estudos mostram que o desempenho dos cotistas é melhor ou igual ao dos não cotistas, mas é preciso dar mais auxílio estudantil aos cotis-

tas”, ressalta. “O desempenho dos cotistas é mais do que satisfatório.”

Cotistas X não cotistas

Segundo um levantamento conduzido em 2020 por quatro professores da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), o desempenho dos cotistas é igual ao dos demais alunos da instituição. Foram coletados dados de mais de 30 mil alunos (cotistas e não cotistas) entre os anos de 2014 e 2017, para avaliar se houve alguma diferença de desempenho acadêmico ou de frequência entre alunos cotistas e não cotistas.

A UnB, primeira universidade federal a adotar o sistema de cotas raciais em seu processo seletivo de ingresso, fez uma pesquisa para avaliar o desempenho de alunos cotistas no mercado de trabalho. O resultado revela que homens que ingressaram na universidade por meio das cotas raciais e concluíram o ensino superior ganham até 40% a mais do que aqueles que tentaram usar o sistema de cotas e não foram aprovados.

Além disso, 7% dos alunos homens cotistas tiveram mais chances de atingirem cargos de direção pelo fato de terem estudado na UnB.

TRÊS PERGUNTAS PARA

Maísa Miralva da Silva, pró-reitora da UFG e coordenadora do Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace)

Qual o papel do Fies na vida de jovens que saem do ensino médio?

Na verdade, o fundo é extremamente inacessível a pessoas de baixa renda. A exigência é tão alta, que as pessoas de baixa renda não conseguem cumprir as demandas de ter um fiador e uma série de documentos. O Fies não é tão acessível, não tem cobertura muito grande, ele é excludente à população de baixa renda, mas é a única coisa que resta. Quando a pessoa não tem dinheiro nenhum para manter o básico dentro de casa fica difícil ingressar no ensino superior. Seis de cada 10 famílias apresentam dificuldades de manter o básico dentro de casa. Imagine a importância de um financiamento para elas melhorarem suas condições de vida. Se não for isso, não tem jeito da pessoa pensar em fazer um curso quando ela não consegue entrar por cotas.

O que falta para um ensino superior com mais equidade?

Um dos desafios é reco-

nectar os estudantes, crianças e jovens. Um outro objetivo é garantir que as famílias tenham condições de manter seus filhos estudando e não tenham que ir para o trabalho precoce para sustentar as famílias. É preciso, também, garantir recursos para assistência. O estudante precisa de apoio e recursos para manter suas despesas básicas enquanto estuda. Desburocratizar processos para que os estudantes de baixa renda possam participar do Fies sem comprovar o impossível. E, por fim, que as pessoas possam ter mobilidade social pela educação. Aquelas que têm acesso ao ensino superior tem cinco vezes mais chance de conseguir trabalho. Chegar à universidade é uma forma de repartir a riqueza e garantir que as pessoas tenham mobilidade.

Quais os principais retornos com o investimento no ensino superior?

A educação é um sonho de todas as pessoas. As pessoas

Arquivo Pessoal



Maísa Miralva da Silva, pró-reitora da UFG, afirma que muitos estudantes deixam os estudos em segundo plano para poderem trabalhar

que não sonham é porque sequer foi dado a elas esse direito quando nasceram. É natural que jovens se sintam bem em ambientes educacionais e tenham um projeto de vida. A educação é o único meio e a maior estratégia para combater a violência. Se nós não fizermos isso, estamos condenando a sociedade a viver em clima de desigualdade e violência. A educação é um meio de promover paz, mobilidade social, distribuição de riqueza, desenvolvimento social e garantir o direito de pertencimento dos jovens.